



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

O TREM-DE-FERRO E O CINEMA EM MONTES CLAROS-MG: RELAÇÕES ENTRE "MODERNIDADE" E EXPERIÊNCIA CULTURAL NO SERTÃO DE MINAS?

Autores: MARIA BETHANIA BRAGA SANTANA, ROGÉRIO OTHON TEIXEIRA ALVEA, EMANUEL CRISPIM VASCONCELOS, LARISSA DANIELLE ALMEIDA DE OLIVEIRA

O TREM-DE-FERRO E O CINEMA EM MONTES CLAROS-MG: relações entre "modernidade" e experiência cultural no sertão de minas

Introdução

1926 é um ano marcante na história da cidade de Montes Claros, situada na região Norte de Minas Gerais. Segundo o memorialista Nelson Vianna (1956, p.156), “[n]unca houve para Montes Claros um mês de agosto tão lindo como aquele do ano de 1926, nem época tão amável como a da expectativa da próxima inauguração da Central do Brasil, na cidade”. Naquele momento, inaugurava-se o ramal ferroviário da Estrada de Ferro Central do Brasil ligando a cidade com o sul do país. Objetiva-se discutir as modificações sofridas no cinema da cidade de Montes Claros- MG e o que isso influenciou no hábito de divertimento de uma parcela da população, fundamentalmente após a implantação da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil em 1926.

Material e métodos

Como estratégia metodológica, buscou-se em periódicos dos anos 1920 as informações necessárias, sendo também acessada obras de memorialistas que tematizaram o cinema montes-clarense da época. O extinto jornal *Gazeta do Norte* foi a principal base de coleta das fontes, interessando para a pesquisa as notícias que reverberavam o cinema e que, pelas análises realizadas, podiam ser associadas com as viagens ferroviárias, possíveis a partir de 1926. Além de ser o principal folhetim da cidade no período pesquisado, atualmente consta disponível para consulta no acervo do Centro de Pesquisa e Documentação Regional da Universidade Estadual de Montes Claros – CPDOR/Unimontes. Em seguida, para análise das fontes, utilizou-se da análise de conteúdo a fim de responder os objetivos propostos.

Resultados e discussão

O memorialista Urbino Vianna (1916), há mais de um século, clamou pela ligação ferroviária de Montes Claros à estação da Estrada de Ferro Central do Brasil mais próxima que, à época, encontrava-se na cidade de Buenópolis, existente desde 1914 e distante 74 quilômetros:

A «estrada de ferro» é a legítima e talvez única aspiração do sertanejo; benefício mais palpável que os governos podem conceder; meio profícuo de se encaminhar rapidamente o progresso, é ella que virá resolver, ou melhor, dar a chave de quanto problema se nos apresenta (Vianna, 1916, p.239).

Na trajetória histórica do cinema em Montes Claros, encontramos um processo de interiorização tardia, se levado em consideração os outros centros urbanos mais adiantados do Estado: as primeiras projeções em Minas Gerais aconteceram em Juiz de Fora, 1897, e em Belo Horizonte, 1898. Em Montes Claros, o primeiro registro comprovado de uma exibição data do ano de 1909, ou seja, mais de dez anos após as referidas cidades (Carvalho, 2006).

Ter cinema ensejava outros fatores para o seu funcionamento. Não era fácil manter as sessões atualizadas, pois as vias de tráfego eram precárias e dificultavam a chegada das fitas. Deste modo, apesar da existência de cinematógrafos desde a década de 1910, o funcionamento destes era efêmero. Contudo, observando o clamor na *Gazeta do Norte* em 1919, é possível afirmar que havia a demanda pelo equipamento de divertimento e já existia público para consumi-lo: “Seria de se elogiar a empresa que nos reabrisse o salão de cinematographo”:
Informação que no texto existem notas de rodapé



FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Já foi explanado que o ano de 1926 é o marco primeiro da pesquisa devido a inauguração da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil e consequente advento do fluxo de passageiros rumo ao sul e vice-versa. Porém, neste ano também surgiu o *Cine-Theatro Montes Claros*, uma empresa que perduraria por anos e faria parte da rotina de diversões da cidade, pretendendo ser [...] “uma casa confortável para a realização de epectaculos cinematographicos e theatraes”. Antes dele, funcionava o *Cine-Renasçença*:

A firma Luiz Guedes & Comp. proprietaria do Cine-Renasçença, desta cidade, tendo em vista o crescente crescimento que se verifica em nosso meio, resolveu constituir uma sociedade anonyma que deverá denominar-se «Empreza Cine-Theatral Montes-clarense». Essa empreza cuidará da remodelação do cinema local, tornando-o uma casa confortável para a realização de epectaculos cinematographicos e theatraes. Que seja uma realidade essa iniciativa que grandemente virá contribuir para nosso adeantamento, dotando a nossa cidade de um estabelecimento diversional á altura do seu progresso.

Estranhamente o cinema local interromperia suas sessões justamente logo após a inauguração da estação ferroviária, no dia 1º de setembro. Assim, no exato período designado para iniciar a análise das fontes do trabalho, 1926, não existia nenhuma sala de cinema em funcionamento em Montes Claros. Justamente por isso, a falta foi sentida e protestada pela *Gazeta do Norte*, que questionou diversos fatos, principalmente sobre as melhorias que a estrada de ferro trouxera para o cinema. Para o jornal, era inadmissível inexistir o “unico meio de diversão com que contava o nosso povo”, pois o “[...] carroto de fitas, cortado pela metade. O aluguel das mesmas com a diferença de quasi dois dias”:

O Cine Theatro Montes Claros, unico meio de diversão com que contava o nosso povo, a duas semanas suspendeu suas sessões. Quando a estrada de ferro encontrava-se distante daqui, na estação de Bocayuva, Cattoni, etc, raramente ficava a nossa cidade sem as sessões cinematographicas durante largo espaço de tempo como esse. Teria tido a empreza prejuiso? É certo que não, quasi podemos afirmar. Porque então o novo cinema, tão bem iniciado, suspendeu as suas sessões? O carroto de fitas, cortado pela metade. O aluguel das mesmas com a diferença de quasi dois dias. O salão de epectaculos com a lotação dobrada... A idéa do prejuiso, portanto, completamente afastada nesse caso. Lamentamos unicamente que, com elementos capazes, como os contamos em nosso meio, seja necessaria a intervenção de capitaes de fóra para conseguirmos aqui uma casa cinematographica, o que fatalmente se dará ante a indiferença dos nossos capitalistas por tão rendosa industria.

Jailson Carvalho (2016, p.144) informa que “[a] partir da década de 1920, o cinema parece ter alcançado maior espaço na vida dos cidadãos montes-clarense. Nesse período, o fluxo regular de películas, em nível nacional, havia se estabilizado”. A variedade de filmes era notória, assim como a quantidade de sessões distribuídas pelos dias da semana, principalmente nos sábados e domingos. O número de fitas diferentes impressiona, porém, ao averiguarmos o ano de lançamento em seu país produtor, veremos que o cinema montes-clarense exhibia filmes com significativo atraso.

“Ao adentrar a década de 1930, a adesão de expressivo número de moradores do município de Montes Claros ao novo divertimento – o cinema – tornou-se incontestante” (Carvalho, 2012, p.34). Ao mesmo tempo que se popularizava, o cinema em Montes Claros parecia não satisfazer aos clientes mais exigentes, como *Maria Celia*, em reclamação via *Gazeta do Norte* sobre o divertimento em questão, em agosto de 1930:

Hoje temos as fitas mediocres do cinema, em programmas mal organizados, que decepcionam a alma e irritam os nervos. Entretanto é preciso que esse indiferentismo se dissipe que se corrija essa falta de amôr a cultura do espirito, que reajamos contra essa chlorose que nos estiola para que Montes Claros nada fique a dever a suas irmãs mais cultas e civilisadas.

Nos primeiros anos da década de trinta, possivelmente tentando se afirmar na rotina do público consumidor do divertimento na cidade, as notícias do *Cine Montes Claros* na *Gazeta do Norte* passaram a ser maiores e descritivas. Normalmente aos sábados, na primeira página do jornal, além das informações sobre as sessões com os dias e horários dos filmes, traziam os nomes dos atores e as sinopses das melhores atrações da programação semanal.

O mercado consumidor do cinema aumentava e consequentemente ganhava mais espaço no jornal (ou o contrário), certo é que, o hábito de se frequentar o cinema instituía-se na esteira do desenvolvimento da cidade. Os almejados progresso e civilidade, traços da suposta modernidade, caminhavam juntos ao cinema, uma máquina que trazia do estrangeiro para a sociedade “elegante” da longínqua Montes Claros filmes icônicos como *Bem-Hur* (1925), *Michey Mouse* (1928), “*The man in possession*” (1931) e *Dracula* (1931) e além de atores populares como Ramón Navarro e Greta Garbo. “O cinema trouxe novos comportamentos e influenciou a progressiva secularização do lazer. Os atores e atrizes mais famosos se tornaram modelo a ser imitado: penteados, roupas e até mesmo relações pessoais foram afetadas pela invenção” (Baéz e Tudela 2012, p.98, tradução nossa).



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Considerações finais

Percebe-se como evidente a correlação entre o desenvolvimento da experiência do cinema na cidade de Montes Claros-MG, notadamente no que tange a aspectos como acesso, quantidade e diversidade de filmes, qualidade dos equipamentos, bem como sua permanente manutenção com a chegada do trem de ferro, no ano de 1926. O advento da modernidade permite, não sem resistências e tensões, a apropriação de um conjunto de valores e práticas que se distinguem das vigentes no ordenamento social até então. O lazer, enquanto uma vivência distintiva, passava a ocupar lugar central no novo modo de pertencimento do cenário citadino, marcado pela urbanidade e pelo *smartismo*, forjando desta forma identidades demarcadas no contexto social local (ir ao cinema representava, além de um hábito de divertimento, um destaque). É notório, assim, a consideração de que o trem de ferro - ele próprio já uma marca da modernidade - acelerava as relações e alavancava também outras práticas atreladas ao *ethos* modernista. É possível traçarmos uma analogia, guardada as devidas proporções anacrônicas, que o estabelecimento do trem de ferro na cidade tenha contribuído para proporcionarado uma espécie de “renascença local”, com o incremento de um novo mundo que se descortinava a partir dele (com destaque aqui para o cinema e suas representações simbólicas e sociais).

Agradecimentos

Para o desenvolvimento desta pesquisa, agradecemos ao Laboratório de Estudo, Pesquisa e Extensão do Lazer – *Ludens*, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Referências bibliográficas

BAÉZ, José María; TUDELA, Pérez de. Fútbol, cine y democracia: ocio de masas em Madrid 1923-1936. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

CARVALHO, Jailson Dias. As primeiras exibições cinematográficas em Montes Claros. Unimontes Científica, Montes Claros, v.8, n.1, p.135-138, jan./dez. 2006.

_____. Representação de progresso e fundação do Cine Ipiranga: as salas exibidoras de cinema como indícios do desenvolvimento econômico e o incremento do número de espectadores nos cinemas de Montes Claros – MG (1929-1948). Revista de Educação, Ciência e Cultura, Uberlândia, v. 17, n. 2, p.33-53, jul./dez. 2012.

_____. Cinema e exibição cinematográfica em Montes Claros (MG): dos primórdios à consolidação do circuito exibidor. São Paulo: Verona, 2016.

VIANNA, Nelson. Foceiros e vaqueiros. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956.

VIANNA, Urbino de Sousa. Monographia do municipio de Montes Claros: breves apontamentos históricos, geographicos e descriptivos. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1916.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X